

**Trabalho ou prostituição:** As filhas de belo Monte e os territórios proibidos em Altamira e Vitória do Xingu na Amazônia paraense.

Augusto César Pinto Figueiredo<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar uma visão geral da problemática que envolve a questão da prostituição atraída pela instalação do projeto hidroelétrico Belo Monte no estado do Pará. Além de apresentar uma breve discussão teórica sobre aspectos que tratam das questões de terroridade e desterroridade dentro de uma pesquisa etnográfica. Para isso, o artigo traz algumas transcrições de entrevistas de campo feitas durante os meses de Setembro até novembro de 2017 em três prostíbulos sendo dois localizados em Altamira e um localizados em Vitória do Xingu próximo ao UHE Belo Monte

**Palavras chave:** prostituição, grandes projetos, Trabalho, Hidroelétrica Belo Monte.

## **Introdução**

A cidade de Altamira, localizada no sudoeste do estado do Pará, vem encarando mudanças significativas no que concerne a questões socioeconômicas e estruturais que vieram como consequência da implantação da usina hidroelétrica Belo Monte, projeto que teve o seu início em 2010. A implantação de um grande projeto hidroelétrico na região da Amazônia historicamente alavanca um processo migratório em larga escala para a região, que vem acompanhado de problemas estruturais profundos pela falta de infraestrutura das cidades que não comportam esse explosão populacional. Giralдин (2014) relata em seu artigo “Notas para os estudos de trabalhadores de barragens: um retrato de Belo Monte e Altamira no início de 2014, as transformações em Altamira, onde estão concentradas muitas das atividades do Consórcio Construtor Belo Monte (CCBM), refletem a complexidade da relação entre as empresas que constroem hidrelétricas e os locais nos quais elas se instalam.

A migração para as cidades brasileiras tornou-se um dos principais desafios no cenário contemporâneo. Mudanças nesses espaços, fazem das cidades um lugar despreparada e desprovido de estrutura para suportar tal fenômeno. Principalmente quando se trata da figura do imigrante, pois este indivíduo pode migrar por diferentes razões, para diferentes lugares,

---

<sup>1</sup> Professor Auxiliar da Universidade Federal do Pará, campus Altamira. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia da Universidade Federal do Pará. Email: figueiredoacp@hotmail.com

em um movimento que pode ser sazonal. Isto porque não há relação de pertencimento com a sociedade que o recebe, que quase sempre o percebe como estrangeiro.

Lembrar isto, lembrar as definições sociais do imigrante e do estrangeiro, é lembrar a relação de dominação que se foi estabelecida entre sistemas socioeconômicos diferentes, entre países e continentes desigualmente desenvolvidos e que se retraduz de forma idêntica no fenômeno da emigração/imigração. Não se entenderia nada sobre a natureza desse fenômeno, ou seja, sobre o modo de geração da população que se tornou “disponível” para emigrar, sobre o significado profundo dos acordos concluídos entre os países de emigração e os países de imigração, sobre o modo como são recrutados os emigrantes e como serão tratados mais tarde enquanto imigrantes, se não lembrássemos que a imigração consagra a relação de dominação que a produziu e que a mantém (SAYAD, 1998, p. 245).

A hidrelétrica de Belo Monte é um projeto que ao longo de sua história presenciou a chegada de muitos imigrantes de diferentes partes do Brasil e até de outros países, recebeu um fluxo significativo de estrangeiros e enfrentou em sua dinâmica de existência, problemas dos mais variados, que iriam de ordem social e até de cunho político. Neste cenário, o projeto tornou-se uma realidade, mas “recrutou” ou simplesmente atraiu e alimentou os mais diferentes sonhos, mas para muitos essa fantasia se tornou um pesadelo, pois não atingiu a expectativas construídas por esses indivíduos.

A hidrelétrica de Belo Monte teve sua construção, inicialmente pensada para ocorrer assim que a hidrelétrica em Tucuruí fora erguida, na passagem da década de 1980 para 1990, foi atrasada em mais de 20 anos, em meio a intensos embates políticos. Mesmo com todo o atraso, discussões a cerca dos impactos e projetos de viabilidade, a cidade de Altamira e cidades adjacentes não receberam infraestrutura básica como construção de hospitais, escolas, melhoria no sistema de água, esgoto e segurança pública que minimizariam uma parte significativa dos problemas enfrentados tanto pelos. Souza (1988) explica que além de uma série de problemas e impactos de ordem ambiental, cultural, socioeconômica, de territorialização, desterritorialização, e reterritorialização, existe também um grande deslocamento de mão-de-obra em busca de oportunidades de renda com a construção de usinas hidrelétricas. Isso tem como desmembramento as grandes mobilizações periódicas de mão-de-obra para a construção, além de o setor ter uma dificuldade de “reter e produzir uma força de trabalho suficientemente adaptada e qualificada para satisfazer os requisitos técnicos e econômicos próprios a cada uma das fases do investimento hidrelétrico”. Isso ocasiona altíssimos níveis de crescimento demográfico anual, com forte incidência, especialmente durante os anos que coincidem com o ‘pico’ dos trabalhos, desde o desvio do rio até o fim da

fase conhecida como concretagem. Outros momentos importantes são: a gradativa desmobilização dos efetivos de trabalhadores, e como esses se relacionam com essa fase de desemprego, culminando com as altas taxas de rotatividade e de evasão da mão-de-obra, fato que eleva o custo de cada emprego direto e seria decorrente da dificuldade de adaptação dos trabalhadores as condições de emprego oferecidas. (TUDE de SOUZA, 1988, p. 121).

Giraldin (2014) também explica que o caso de Altamira guarda semelhanças com o sistema fábrica/vila operária, no qual a instalação de uma unidade industrial constitui-se pela imobilização da força de trabalho, pela qual uma mesma empresa fornece trabalho e moradia. Esta é uma temática explorada etnograficamente por Leite Lopes (1988). Essa noção de “sistema” combina moradia, transporte e trabalho coordenados por decisões tomadas por uma mesma entidade. O espaço urbano criado reflete as hierarquias do ambiente de trabalho direta ou indiretamente. O consórcio construtor e, acima dele, a Eletronorte, criam um sistema desse tipo em Altamira, mas que está submetido à sua futura retração, dado o regime temporal da indústria da construção civil pesada engajada em uma hidrelétrica.

Dados fornecidos pela Norte Energia, apontam um número que gira entre trinta e seis a trinta e sete mil trabalhadores, em sua maioria homens, contratados diretamente pela empresa entre os anos de 2010 e 2016. Com isso, houve um exponencial aumento da oferta de prestação de serviços sexuais tanto na cidade de Altamira quanto nas cidades vizinhas ao complexo hidroelétrico Belo Monte. Segundo o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), nos espaços de construção das hidrelétricas, as mulheres são mais uma mercadoria de entretenimento para distração dos operários. Em um contexto de pobreza e miséria, a prostituição poder ser vista como uma forma mais abreviada para a suplantação dessa conjuntura, seja para as profissionais do sexo que exercem a atividade regulamentada, ou para as/os jovens exploradas/os sexualmente, conforme denunciam as entidades de defesa dos direitos infanto-juvenis da cidades de Altamira. Em minha pesquisa documental encontrei muitas reportagens que tratam inclusive do aliciamento de mulheres e adolescente indígenas para a prostituição. Ao longo dos anos de 2010 até o início de 2016, O Ministério Público Federal no Pará (MPF/PA) investigou diversas denúncias de exploração sexual de mulheres e adolescente na região das obras da usina Belo Monte, entre Altamira e Vitória do Xingu. MPF/PA (2013):

A Justiça Federal de Altamira (PA) decidiu acatar denúncia do Ministério Público Federal (MPF) contra seis pessoas acusadas de envolvimento com suposto esquema de exploração sexual de mulheres e adolescentes na região das obras da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu, estado do

Pará. O procedimento para apurar as denúncias decorrentes de duas operações policiais contra a exploração sexual, de agradas no dia 13 de fevereiro, foi instaurada na última sexta-feira (22), a pedido do MPF. A denúncia foi recebida pelo juiz federal Marcelo Honorato [..]. Durante as duas operações policiais, 15 mulheres e uma travesti provenientes de outros estados foram encontradas em condições que indicavam serem vítimas de exploração sexual. A ação policial teve início depois que uma menor de idade conseguiu fugir de uma boate da região e denunciou que vinha sendo mantida em cárcere privado e obrigada a se prostituir. A garota foi incluída no Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte. [..] No total, 32 mulheres foram libertadas até agora. A investigação do MPF/PA vai apurar, ainda, a existência do crime de trabalho escravo, previsto no artigo 149 no Código Penal e de competência da Justiça Federal.

Muitas mulheres migraram com a promessa de salários de até R\$ 1 mil reais por dia trabalhado. Em uma entrevista, em campo, que fiz no dia dois de Setembro de 2017, ouvi o seguinte relato da profissional do sexo de trinta e nove anos que chamarei aqui de Safira:

Olha meu filho, eu e duas menina vinhamos do Maranhão e chegemo aqui em Altamira lá pelo meiu de 2012 pa trabaiar. Passemos por muita dificuldade pa chegar aqui. Tinha muito homem e ganhemo muito dinheiro só que quando os homem começaro a ir simbora as coisa ficaro complicada pa nois tudinho. As menina que vinheram comigo foram tudo simbora também. Eu tô aqui ainda esperando esses homem que vem pa esse tal de Belo Sun. (sic)

Percebi pelas entrevistas que fiz com algumas profissionais do sexo, ao longo do mês de Setembro de 2017, que permanecem nos prostibulos remanescentes tanto em Altamira quando nas cidades adjacentes que a possibilidade de um novo grande projeto ainda alimenta a esperança de dias melhores no que concerne a volume de trabalho e ganhos financeiros exponenciais.

### **Territórios da prostituição: O caso belo Monte**

A prostituição acompanha um movimento provável quando tratamos do tema dos grandes projetos. Para melhor entender esta dinâmica da Amazônia, em especial o projeto Belo Monte, no sudoeste paraense, numa perspectiva teórica que integre a dimensão espacial, faz-se imprescindível discutir as mais diversas concepções sobre o território, com o objetivo de vislumbrar de que forma a territorialidade das profissionais do sexo, que vieram durante o boom das obras da usina hidroelétrica Belo Monte, é constituída, condicionada e especialmente definida na prática da prostituição.

Raffestin (1993) trata o território como espaço político, delimitado por relações de poder e pela projeção do trabalho humano, envolvido por uma teia diversa de significações. Ainda segundo Raffestin, falar de território é fazer referência à ideia de limite e delimitação do espaço; significa isolar, separar ou manifestar uma relação de força em uma área precisa e restrita. Sack (1986) também explica que o território dentro de uma visão política, se estabelece por meio do controle sobre uma área ou espaço. Trazendo consigo uma forte relação de poder, sendo utilizada como moeda de troca para influenciar e, ao mesmo tempo, controlar indivíduos no que diz respeito à atribuição, concessão e manutenção de áreas territoriais. A partir do momento que discutimos tais conceitos tanto na obra de Raffestin quanto na obra de Sack, passamos a ser incorporado pelas ciências humanas e sociais. a condição humana passa também a ser analisada na dimensão espacial. O conceito de territorialidade torna-se mais rico e complexo. Albagli, (2004) afirma que:

Às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas – uma localidade, uma região ou um país – e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico. No nível individual, territorialidade refere-se ao espaço pessoal imediato, que em muitos contextos culturais é considerado um espaço inviolável. Em nível coletivo, a territorialidade torna-se também um meio de regular as interações sociais e reforçar a identidade de grupo ou comunidade (Albagli, 2004, p. 28).

Em entrevista feita com uma profissional do sexo vinda da cidade de Belém-Pa, realizada no dia 02 de dezembro de 2017 na cidade de Altamira, que aqui chamarei de Ágata. Ouvi o seguinte relato:

Velho, eu sinto falta pra caralho de Belém. Eu vareei aqui porque tava precisando valendo ganhar um real melhor. Eu nunca que vinha morar em um fim de mundo desse aqui se não fosse pela grana. Égua, perdi as contas das vezes que chorei aqui nessa porra. Mas tenho fé em Deus que vou pegar o beco. Ainda dá pra levantar uma mixaria boa aqui. Muitas colegas minhas já vararam pra outros puteiros na vila do Conde que tem muito gringo que chega nos navios de carga. Mas eu ainda tô apostando no lance do Belo Sun que vai movimentar essa porra, e eu vou ganhar uma grana boa pra mim volta pra Belém por cima.

Ao fim da entrevista com Ágata lembrei das palavras de Certeau (1994) que afirma:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo (CERTEAU, 1994, p. 189).

A narrativa de Ágata também revela que o poder exercido pelo fluxo de recursos humanos e financeiro que um grande projeto na Amazônia como Belo Monte movimentava direta e indiretamente é enorme. De acordo com o tribunal de contas da União o valor da obra até novembro de 2017 estava na casa dos 30 bilhões de reais, o que mexe profundamente com a questão de territorialidade em seus múltiplos aspectos. Mas muito especialmente com as relações financeiras. Em entrevista com uma profissional do sexo chamada de Santarém (PA), que chamarei aqui de Citrina, de 23 anos, ela está há três anos em Altamira, e diz que chegou a ganhar cinco mil por mês na cidade durante os anos de 2012 e 2015.

Das 18 meninas que trabalham aqui, só duas é de Altamira. As outras quase todas veio da minha cidade. Eu mesma já rodei no Mato Grosso e no Ceará fazendo um dinheiro. Agora tô aqui e tô bem mas isso aqui já foi muito melhor. Nunca fui trabalhar em garimpo, já ouvi muitas historias de meninas que trabalharam em garimpos e no primeiro fim de semana que comecei a trabalhar aqui, eu achei que era igual a um garimpo, com muitos homens vivendo para trabalhar sem mulher e sem família que nas horas de folga, procuravam as amiguinha para ter uma foda rápida e fácil. (sic)

Ao entrevistar Citrina, notei que o conceito de territorialidade geralmente está vinculado aos preceitos jurídicos que aliam a base territorial dos Estados à territorialidade das leis, das regras e das normas aplicáveis aos habitantes e aos elementos constitutivos de um país. Nas entrevistas de campo feitas com Safira, Ágata e Citrina corroboram para visualizarmos alguns aspectos que indicam que assim como a prostituição, o prostíbulo também é um lugar da desterritorialização subjetiva, de fragmentação do indivíduo e da constituição de novos territórios de desejo. Além de serem parcialmente e ambigualmente aceitos, adquirindo significações no plano simbólico, por sua perspectiva modernizante. Rago (1991, p. 25) afirma que juntamente com a venda do prazer, o mundo da prostituição destila práticas eróticas, sexuais e sociais mais refinadas, já que aí se praticavam formas de sociabilidade referenciadas pelos padrões culturais europeus.

Em uma entrevista que fiz no dia 09 de Setembro de 2017, ouvi o seguinte relato da profissional do sexo de vinte e cinco anos que chamarei, aqui, de Esmeralda, da cidade de Marabá, que chegou em 2010 em Vitória do Xingu, município que fica a cerca de sessenta quilômetros de Altamira.

eu tô cansada dessa vida bandida, nois não temos direito a nada. Muita gente não sabe o que nois passamo nas mãos desses homens. Já apanhei pra caralho de cliente e não posso nem falar nada lá pros policiaes que eles falam logo que isso foi a vida que nois escolhemo. Muitos homens querem paga pouco e as vez nem pagam direito e querem fazer de um tudo com nois. Não

desejo isso pra ninguém sabe! (sic)

Para Souza (2007), cada mulher relata motivos específicos para justificar sua prática: como o desejo de sair da casa dos pais, desemprego, urgência em manter terceiros, como filhos e pais, e até mesmo a busca por um *ethus* social privilegiado. Molina e Kodato (2005), dizem que a crise econômica e social pelas quais passa uma enorme parcela das mulheres em nossa sociedade é um dos porquês cruciais para o ingresso na prostituição, e nesse espaço encontram uma possibilidade real de geração de renda suficiente e rápida. Essa escolha teria fortes influências a necessidade de sustentar a família, em virtude da auto responsabilização pela manutenção do grupo doméstico (o próprio, o dos filhos e de outros membros da família), e o baixo nível de escolarização, que dificulta sua inserção no mercado de trabalho. A principal causa da prostituição é unânime, entre as garotas que tive contato, é a falta de dinheiro dentro de um sistema de mercado cada vez mais competitivo, exigindo muito mais em termos de instrução, idade, aparência física, experiência na função entre outros atributos para o preenchimento de uma vaga de emprego. Em minha entrevista com Esmeralda ouvi o seguinte relato:

pra tentar se empregar hoje em dia, tú tem que ter estudo e experiência... é quem vai dar um trampo para uma mulher que não tem experiência em nada além de fuder? No puteiro não tem esse lance de estudo e experiência... a gente ganha muito mais do que uma balconista de farmácia, caixa de supermercado e empregada doméstica... (sic)

Os movimentos de mulheres que seguem os grandes projetos na Amazônia, garimpos e docas fazem com que essas mulheres precisem constantemente mudar de território, principalmente quando estes lugares surgem e parecem ter um tempo determinado para acabar e se esvaziar. Além da questão de brevidade do tempo dos projetos, existe também um fator muito importante que é a questão da clientela preferir mulheres “novas” nas casas. Quando se usa o termo “nova” refere-se a questão de idade, o que leva as profissionais do sexo ao complexo movimento em busca de novos cliente em novos lugares. Em minha pesquisa com mais de quinze mulheres ao longo do segundo semestre de 2017 em três diferentes bordeis. Os relatos mostram mulheres de cidades diversas do estado do Pará, estados do Minas Gerais, Maranhão, São Paulo, Ceará e Tocantins. Entrevistei uma profissional do sexo que chamarei aqui de Rubi de vinte nove anos vinda de Belém e que mora em Altamira desde 2013 que relatou:

Sabe chefe, eu cheguei aqui no auge dessa porra toda de Belo Monte. Eu tava sem grana na pior em Belém vivendo feito uma cachorra na casa de um

e de outro de favor depois que sai fora da casa do meu pai. Eu tinha que dá de graça para uns caras que eu me meti na casa e eles ainda queriam me tirar pra otária me colocando pra cozinhar, passar e lavar. Então, uma parceira minha veio pra cá pra Altamira é disse que tava ganhando uma grana boa aqui no puteiro e eu pensei! égua se for pra dá de graça e ainda servir de empregada, eu prefiro ganhar pra dá. Ai eu vim pra cá, e daqui não sai mais. Ganhei uma grana firme nessa bagaça. Mas eu me apaixonei por um carinha e fui morar com ele uns meses ai. Acabei gastando toda a grana peguei um filho e esse filho da puta sumiu do mapa. Agora a vida tá de ruim pra pior aqui e dei meu filho pra uma senhora criar. Tô esperando o lance do Belo Sun chegar pra tentar levantar um real bom pra sair dessa vida escrota que tenho hoje. (sic)

Salienta Thomaz Júnior (2009) que a plasticidade do trabalho torna-se um fato diante das formas encontradas pelos trabalhadores que migram de função e atividades laborais em busca de sua reprodução enquanto sujeitos

Compreender essas relações de sexo, entretenimento, poder, territorialidade e relações laborais é um desafio para a pesquisa etnográfica, pois ilustraram-se exemplos de como o capital ao se fortalece nos grandes projetos da Amazônia. Thomaiz (2009) pontua que além de permitir também alterar a dinâmica territorial do trabalho em escala nacional e regional, sendo que os lugares onde tais obras ocorrem e/ou em suas áreas de influência há a construção de outras práticas espaciais que permitem uma compreensão das particularidades espaciais desses processos que mantêm totalidades difíceis de serem percebidas e analisadas.

### **Considerações finais**

A questão da prostituição ligado ao trabalho não é um tema novo nas discussões sociais no mundo e muito menos no Brasil. Sabe-se que as relações *trabalho & corpo* se tornaram práticas frequentes nos espaços onde o capital se faz presente, principalmente quando esses meios envolvem uma “avalanche” de movimentação financeira.

O caso de Belo Monte, no sudoeste do Pará, enfrentou uma significativa mudança no seu cenário social devido a presença de muitos imigrantes de várias regiões do Brasil, pessoas de diferentes formas de comportamento, formação profissional e classe social. Nesta configuração, tornou-se inevitável a chegada de serviços de toda natureza para a região, ocasionando um colapso nos municípios que receberam esse fluxo significativo de pessoas.

No caso das mulheres que foram trabalhar na atividade de prostituição em Altamira e Vitória do Xingú, se perceberam várias razões que explicaram a migração e a prostituição de todas, mas o que mais aproximou nossas entrevistadas nos seus depoimentos era a questão

financeira, pois a falta de qualificação gerava a falta de oportunidade de um trabalho formal. Assim, muitas prostitutas decidem ficar nesses espaços de circulação de dinheiro até quando lhes forem rentável permanecer. Logo, torna-se comum a saída de mulheres após o período de grande movimentação financeira desses lugares, muitas saem para se prostituir em outras regiões do Brasil e até para outros países dependendo de propostas ou até mesmo de sua programação individual de migrar.

Por fim, compreende-se que o projeto Belo Monte, não se diferenciou de muitos outros projetos existentes no território brasileiro, principalmente no quesito prostituição. A região do sudoeste paraense também viu crescer e decrescer o fenômeno da migração nas suas principais cidades, Altamira e Vitória do Xingu, no entorno do projeto da hidrelétrica. Até nos dias atuais, essas cidades sofrem os efeitos do inchaço populacional e os problemas sociais causados por essa dinâmica, mas tenta “sonhar” como uma nova realidade mais justa e inclusiva.

## Referências

ALBAGLI, S. Território e territorialidade. **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Damará/Brasília: SEBRAE, 2004.<sup>[1]</sup><sub>[SEP]</sub>

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 9. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

GIRALDIN, R. M. **Notas para os estudos de trabalhadores de barragens: um retrato de Belo Monte e Altamira no início de 2014**. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Sociais – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Brasília – DF – Brasil. 2014.

LEITE LOPES, J. S. **A tecelagem dos contornos de classe na cidade das chaminés**. Brasília: Ed. da UnB, 1988. 623 p.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. CBO – **Classificação Brasileira de Ocupações, 2002a**. Menu da Família. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198>>. Acesso em: Set. 2017.

MOLINA, A. M. R., & KODATO, S. (2005) **Trajatória de vida e representações sociais acerca da prostituição juvenil segundo suas participantes**. *Temas em Psicologia*, 13(1), 09-17.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.<sup>[1]</sup><sub>[SEP]</sub>

SACK, Robert David. Human territoriality - Its theory and history, Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SOUZA, F. R. **Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. (2007).

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. **Dinâmica Geográfica do Trabalho no Século XXI: Limites Explicativos, Autocrítica e Desafios Teóricos**. Presidente Prudente: [S.n], 2009. Volumes I e II. Originalmente apresentada como Tese de Livre Docência, UNESP, Presidente Prudente, 2009.

Tribunal de contas da União. Super Faturamento em Belo Monte 2017 <http://portal.tcu.gov.br/imprensa/noticias/tcu-identifica-superfaturamento-de-r-3-2-bilhoes-em-belo-monte.htm> Acesso em 02 de janeiro de 2017.

TUDE de SOUZA, Angela. As políticas de gestão da força de trabalho e as condições de vida do trabalhador das obras barrageiras. **Travessia**. São Paulo, p. 25-28. jan./abr. 1988.

**Abstract:** This article is the result of the discussions developed in the subject Migration Narratives of the Postgraduate Program in Languages and Knowledge in the Amazon - PPGLSA, the main objective is to present an overview of the problem that involves the issue of prostitution attracted by the installation of the hydroelectric project Belo Monte in the state of Pará. In addition to presenting a brief theoretical discussion on aspects that deal with the issues of territoriness and deterritoriness within an ethnographic research. Finally, this article also brings some transcripts of field interviews made during the months of September to November 2017 in three brothel, two of them are located in Altamira and third one is located in Vitoria do Xingu near Belo Monte HPP.

**Keywords:** prostitution, big projects, Job, Belo Monte Hydroelectric.